



Filmes domésticos em Super 8:

reliquias da memória familiar e representação da vida privada

Ana Clara Campos dos Santos¹

Christina Ferraz Musse²

Resumo curto:

Temos como objeto de pesquisa cerca de duas horas de filmes domésticos em Super 8 digitalizados. Nosso objetivo é observar de que maneira os cinegrafistas representavam a família e como os personagens “interpretavam” neles. A pesquisa bibliográfica abrange estudos de memória, vida privada, cinema amador e representação. Como metodologia, utilizamos a análise fílmica e entrevistas com realizadores.

Resumo expandido:

Acreditamos que as narrativas contidas em filmes de família feitos em Super 8 são importantes para a academia, pois são uma amostra da ascensão da representação do espaço doméstico por uma tecnologia emergente, que traz à tona o cotidiano e a vida privada. Esse desejo pelo registro pode ser considerado natural do ser humano e social, incentivado pela indústria mercadológica das câmeras, que conquista compradores tocando o que os afeta – preservar momentos felizes entre as pessoas de que gostamos.

A temática dos filmes domésticos no Brasil vem sendo estudada nos últimos anos. Foram encontradas dissertações de mestrado de pesquisadores brasileiros que valorizaram o tema desde 2010, como Lila Foster, Lígia Diogo, Carlos Alberto Caruso e Maíra Bosi, e a tese de doutorado de Thais Blank. Com os autores citados observamos principalmente a preocupação com as temáticas de: patrimonialização dos filmes de família, disponibilizando-os em acervos públicos; reapropriação e recontextualização de filmes amadores no documentário contemporâneo; disponibilização de vídeos domésticos na internet. Entretanto, não foram encontrados trabalhos brasileiros que tratem especificamente a questão estética dos filmes domésticos.

Para nos aprofundarmos no tema, utilizaremos filmes domésticos como objeto de estudo e como objeto empírico de análise. Selecionamos filmes feitos por famílias de Juiz de Fora na bitola Super 8, filmados durante a década de 1970, período em que essa película foi mais utilizada no Brasil. Nessa época, as câmeras fotográficas eram mais acessíveis do que as cinematográficas. O Super 8 se tornou a primeira tentativa de democratizar o registro de imagem em movimento, ainda que restrito a famílias de classe média alta.

Nosso objetivo geral é observar de que maneira as pessoas se representavam em filmes de família, num período em que as câmeras que permitiam o registro do movimento não eram tão acessíveis quanto as digitais são atualmente. Como objetivos específicos, temos: 1) Deixar claras as diferenças entre os conceitos de filme de família e cinema amador, de acordo com os parâmetros do pesquisador francês Roger Odin (2010), analisando a estética cinematográfica dos filmes de família; 2) aprofundar a questão da representação do ser humano como ser social, descobrindo as motivações que levam as pessoas a quererem fazer registros de si e do grupo familiar, e de que forma essas pessoas gostam de se representar diante da

¹ Discente do 2º ano do Mestrado em Comunicação da UFJF, Linha de Pesquisa Cultura, Narrativas e Produção de Sentido. Bolsista de monitoria da UFJF. E-mail: anaclaracs91@gmail.com

² Professora orientadora. E-mail: musse@terra.com.br



câmera. O objetivo é aprofundar o estudo sobre o conceito de *auto-mise-en-scène* do crítico de cinema Jean-Louis Comolli (2001), que afirma que as pessoas sempre atuam de alguma forma quando estão em frente a uma câmera; 3) criar categorias para a análise dos produtos comunicacionais como: quais são os personagens mostrados, onde é a locação dos filmes, que eventos são registrados, como as pessoas estão vestidas, como elas se portam diante da câmera, enquadramentos utilizados, planos feitos.

Nossa revisão bibliográfica abrange estudos sobre memória, vida privada, filmes de família e representação. O trabalho foi feito em cinco etapas: 1) Localização de acervos privados de filmes Super 8 e levantamento de fontes humanas; 2) Revisão bibliográfica e reflexão teórica acerca dos temas; 3) Análise dos aspectos estéticos cinematográficos (ainda está sendo realizada, mas já fizemos algumas categorizações que podem ser conferidas no quadro a seguir); 4) Realização de entrevistas com realizadores de filmes de família em Super 8 e 5) Análise das entrevistas, verificando alguns aspectos específicos desse gênero.

Encenação	Característica	Olhar para a câmera	Interação
Fotográfica	Personagem imóvel	X	-
Normal	Aparentemente não percebe a câmera	-	-
Simulada	Sabe da filmagem, mas age “naturalmente”	-	X
Esquiva	Tenta se esconder da câmera	-	-
Encabulada	Demonstra vergonha ao ser filmado	X	X
Gestual	Personagem faz um gesto para a câmera	X	X
Espetacular	Atuação feita em função da câmera	X	X

Quadro 1: Tipos de encenação no filme doméstico. Fonte: a autora.

Palavras-chave: Filme doméstico. Memória. Família. Cinema amador. Representação.

Referências

ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 17.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

AUMONT, Jacques. O cinema e a encenação. Edição especial para as livrarias Saraiva no Brasil. Lisboa: Edições texto e grafia, Ltda., 2011.

COMOLLI, Jean-Louis. **Sob o risco do real e Carta de Marselha sobre a auto-mise en scène**. In: *Catálogo do forumdoc.bh.2001 – V Festival do Filme Documentário e Etnográfico de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Filmes de Quintal, 2001, p. 99-108 e 109-116.



DARGY, P. **A prática do super 8** / P. Dargy, N. Bau; adaptação e prefácio da ed. Brasileira de Abrão Berman; (tradução de Luiz Roberto S. Malta). – 4. ed. – São Paulo: Summus, 1979.

DIOGO, Lígia Azevedo e FURLONI, Álvaro Fernandez. Cadê o passarinho? A ameaça de extinção da pose na imagem de família. In: **Contemporânea**, vol.7, nº1, 2009.

DUBY, Georges. Prefácio à história da vida privada. In: **História da vida privada 1: do Império Romano ao ano mil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Prefácio, p. 7-10.

GERBASE, Carlos. Primeiro Filme: descobrindo, fazendo, pensando. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2012. Disponível em: < <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/introducao/>>.

MACHADO JR, Rubens. A experimentação cinematográfica superoitista no Brasil: espontaneidade e ironia como resistência à modernização conservadora em tempos de ditadura. In: Lara Santos de Amorim e Fernando Trevas Falconi (Orgs.) **Cinema e memória: o super-8 na Paraíba nos anos 1970 e 1980**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013. p. 34-55.

ODIN, Roger. El cine doméstico en la institución familiar. In: CUEVAS ÁLVAREZ, Efrén (ed.). **La casa abierta: el cine doméstico y sus reciclajes contemporáneos**. Ayuntamiento de Madrid, 2010. p. 39-60.